

A POESIA DE JORGE FERNANDES SOB O SIGNO DO CAMPO E DA CIDADE

Charlyene Santos de Souza (UFRN)

RESUMO: A poesia, tradicionalmente vista como linguagem elevada, passou a incorporar, na modernidade, o cotidiano, de tal modo que prefere as coisas corriqueiras do homem e da vida ao sublime. Desse modo, ela tem se ocupado para além das questões líricas, contemplando também questões de ordem social (LIMA, 2003). A partir de tais considerações, é possível observar, na obra do poeta norte-rio-grandense Jorge Fernandes, inserido na estética modernista no Rio Grande do Norte, representações sociais dos espaços do campo e da cidade. Sua poesia problematiza questões voltadas a esses ambientes, apontando as mudanças sociais ocorridas com a chegada da modernidade na provinciana Natal dos anos 20 e como essas mudanças afetam os sujeitos em suas vivências. O ensaio ora proposto analisa as representações desses espaços sociais nos poemas “Aviões 1” e “Poema das Serras 1”, a fim de verificar como os referidos textos vão nos revelando uma espécie de adesão do poeta ao processo de modernização social, via afirmação do espaço urbano, ao mesmo tempo em que promove a reafirmação de valores advindos do campo. Para tanto, fundamentamo-nos no estudo de Antonio Candido (1976) acerca da relação entre literatura e sociedade e nas reflexões de Raymond Williams (1989), em seu livro *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*, além de também buscarmos orientação na reflexão de Adorno (1985) sobre o texto literário e a sociedade moderna. Constatamos, com a análise dos poemas, que a modernidade é vista sob os olhos de quem ainda resguarda traços tradicionais e só adere parcialmente à nova ordem.

Palavras-Chave: Jorge Fernandes; Representações sociais; Modernidade.

ABSTRACT: Poetry, traditionally seen as a higher language, has incorporated, in modernity, everyday life, so that prefers ordinary things of man and life to the sublime. Thus, she has been busy beyond the lyrical issues, also including issues of social order (LIMA, 2003). From these considerations, it is possible to observe, in the work of Jorge Fernandes, potiguar poet inserted into the modernist aesthetic in the Rio Grande do Norte, social representations of the spaces of the city and the countryside. His poetry discusses questions related to these environments, pointing to the social changes that occurred with the arrival of modernity in provincial Natal in the 1920's and how these changes affect the men in their experiences. The essay proposed here examines the representations of social spaces in the poems “Aviões 1” and “Poema das Serras 1”, in order to see how these texts reveal something of the poet's accession to the process of social modernization, via the affirmation of urban space, while promoting the affirmation of values arising from the countryside. For this, we are based on the study of Antonio Candido (1976) about the relationship between literature and society, on the thoughts of Raymond Williams (1989), in his book *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*, and on reflections of Adorno (1985) about dialectic relations that are present in modern society. We noted, with the analysis of the poems, that modernity is seen through the eyes of those who still protect traditional features and only partially adhere to the new order.

Keywords: Jorge Fernandes; Social representations; Modernity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem poética possibilita-nos interpretar de diversas maneiras a realidade e produzir representações sociais, de modo a causar no indivíduo o sentimento de pertença em uma determinada comunidade. Contudo, a poesia, tradicionalmente vista como linguagem elevada, nem sempre se ocupou em representar questões concernentes à sociedade, visto que se engajava, em maior grau, aos estados de ânimo do poeta e ao seu subjetivismo lírico. Na modernidade, ela passa a incorporar o cotidiano, de tal modo que prefere as coisas corriqueiras do homem e da vida ao sublime (LIMA, 2003).

Partindo de tais considerações, é possível observar, na obra do poeta norte-riograndense Jorge Fernandes, inserido na estética modernista no Rio Grande do Norte, representações sociais do campo e da cidade. Sua poesia problematiza questões voltadas a esses ambientes, apontando as mudanças sociais ocorridas, com a chegada da modernidade, na provinciana Natal dos anos 20 e como essas mudanças afetam os sujeitos em suas vivências. Nessa direção, são elucidativos poemas como “Aviões 1” e “Poema das Serras 1”, uma vez que vão nos revelando uma espécie de adesão do poeta ao processo de modernização social, via afirmação do signo urbano, ao mesmo tempo em que promove a reafirmação de modos de viver mais simples, na afirmação da cultura rústica ou da experiência do campo.

A fim de analisar e discutir os poemas à luz dessas questões, tomamos como orientação de leitura as reflexões críticas sistematizadas por Antonio Candido (1976), na adoção de seu método de estudo que articula o texto literário e a sociedade; no que se refere à problemática mais específica das representações sociais do espaço urbano e do rural, utilizamos como fundamentação teórica o pensamento de Raymond Williams (1989), em seu livro *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*, como veremos mais adiante.

JORGE FERNANDES: O MODERNO NA PROVÍNCIA

Jorge Fernandes nasceu em Natal no dia 22 de agosto de 1887, onde se aventurou no comércio e em negociações com cafés e bares. Ele foi sócio do famoso Café “Majestic”, que durante algum tempo funcionou como centro da boemia e das atividades culturais da província. Faleceu no dia 17 de julho de 1953 na mesma cidade, sem alcançar o merecido reconhecimento pela sua contribuição poética para o estado,

embora Câmara Cascudo tenha cooperado com a divulgação de sua obra e alguns de seus poemas tenham sido recitados e divulgados por Mário de Andrade no sul do país. Publicou, em vida, apenas seu *Livro de Poemas*, em 1927, inaugurando, em poesia, a estética modernista no estado. Jorge Fernandes também contribuiu com a “transformação da figura pública do poeta”, que até então estava ligada à elite política local.¹

Com sua obra, Jorge Fernandes conseguiu apreender a realidade local sem se distanciar de uma realidade mais ampla, acrescentando elementos universais a seus dados locais em uma obra singular e imagética. Nesse contexto, a década de 20 no Rio Grande do Norte é marcada por mudanças de ordem política e social e pela chegada de elementos da modernidade, como o bonde e o avião. Quanto mais os elementos do mundo moderno chegavam ao estado, mais discrepantes eram as diferenças entre a tradicional e atrasada província natalense e o mundo novo que se formava. Em poemas como “O bonde novo”

Chega na balaustrada espia o mar...
E os passageiros todos nem olham pro mar...
Só ouvem a campa nova...
[...]

percebemos o deslumbramento de sujeitos que, em meio a um modo de vida tradicional, passam a conviver com os elementos da modernidade, posto que “todos nem olham pro mar.../ só ouvem a campa nova...”, como se o elemento estranho – a campa nova – tornasse o principal alvo dos olhares de transeuntes e curiosos.

OS SIGNOS DO CAMPO E DA CIDADE

A obra de Jorge Fernandes parece estar sintonizada com o processo social moderno sem, contudo, renunciar aos elementos regionais de seu contexto. Esses elementos surgem em sua poesia como problematização de questões sobre os espaços rural e urbano. De um lado, o signo urbano representando a modernidade e a civilização e, de outro, o rural como sinônimo de simplicidade. Raymond Williams (1989, p. 11) apresenta associações historicamente cristalizadas desses dois espaços: “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e

¹ A esse respeito cf. Araújo (1995).

virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz”.

Essas diferentes manifestações de vida social são apresentadas e discutidas como ordens distintas, segundo Williams (1989), desde as culturas greco-latinas. Mas é, sobretudo, a partir do processo de industrialização inglês que o contraste torna-se mais evidente e as imagens acima citadas cristalizam-se na sociedade e na literatura. Podemos apreender que há, nessa relação entre o campo e a cidade, a presença da ideologia de uma classe dominante que instituiu os modelos comumente associados aos referidos espaços. Portanto, com o progresso e a ideia de civilidade centrados na cidade, coube ao campo carregar a imagem de lugar de atraso e de pouco desenvolvimento frente às transformações que ocorriam no espaço urbano. Desse modo, o autor atenta para as associações negativas que cada um desses espaços também adquire: o campo passa a ter a imagem de lugar de atraso, ignorância e limitação; e a cidade, local de barulho e ambição. A esse respeito, é valiosa a citação do poema “A uma passante”, de Baudelaire, em que o sujeito lírico aponta a realidade da cidade de modo a afirmar sua não exaltação:

A rua em derredor era um ruído incomum,
longa, magra, de luto e na dor majestosa [...]

Outro autor que aponta para os diferentes modos de vida ligados a esses espaços, focalizando as formas de vida campesinas, é Antonio Candido (2003). Ele discute n’*Os parceiros do Rio Bonito* o sentido dos termos cultura (sociedade) rústica e caipira. O crítico afirma que o termo “rústico” não deve ser empregado no sentido de rural, embora o englobe, pois este é associado à localização, “enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo” (CANDIDO, 2003, p.26). Assim, a compreensão de *cultura rústica* não está ligada somente a relações espaciais, mas a características culturais relacionadas às culturas do campo. Segundo o autor (p. 28), “No caso brasileiro, rústico se traduz praticamente por caboclo”. Por esse viés, o rústico pode ser entendido como o modo de ser de um grupo social “oposto” ao ritmo de vida da cidade e da modernidade, tendo em vista que aquele modo de ser pressupõe um tempo de maior lentidão, fora, portanto, da ideia de tempo linearmente progressivo e acelerado que é típico das sociedades modernas.

Analisando a obra de Eça de Queiroz Antonio Candido (2000) discute a relação entre os espaços da cidade e do campo. De acordo com ele, a cidade é vista como sinônimo de modernidade, civilização e capitalismo; e o campo sinônimo de tradicionalismo e economia agrária. Na obra do autor português, notamos sua adesão ora ao espaço urbano ora ao espaço rural. No texto *A correspondência de Fradique Mendes*, as características do homem moderno ligado à civilização e à comodidade proporcionada pelos requintes e aparatos tecnológicos trazidos pela modernidade são marcantes. Assim, a civilização é colocada como responsável pelo domínio do homem sobre o mundo, como traz Candido (2000, p. 38): “[...] Quem lhe dará esse domínio sobre o mundo é a civilização burguesa: instrumentos, aparelhos, veículos, invenções de toda espécie se adicionam à sua pessoa como atributos de onipotência e ubiquidade”.

JORGE FERNANDES E OS ESPAÇOS RURAL E URBANO

O *Livro de Poemas*, de Jorge Fernandes, é um verdadeiro convite a experimentar a realidade da província natalense em um período marcado pela modernidade. Gurgel (2001) diz que, dentre as características da poética de Jorge Fernandes, se destacam o relato de fatos cotidianos da cidade e o interesse por elementos do progresso material. A chegada desses elementos na cidade é recorrente em poemas como os das séries “Aviões” e “Poemas das Serras”.

Na série “Aviões” o elemento moderno é incorporado à realidade natalense, conforme verificamos no poema “Aviões 1”:

Novecentos e cinquenta cavalos suspensos nos ares...
- Besouro roncando: zum.. zum.. umumum...
Aonde irá aquele Rola-Titica parar?

E os olhos dos caboclos querem ver os Marinheiros
Os peitados vermelhos das Oropas...
E a marmota vai: ron... ron... cevando o vento –
Por cima dos coqueiros, varando as nuvens...
Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca
Desembestado, espalhando água...
E fica batendo o papo, cansado de voar.

Já na série “Poemas das Serras”, no “Poema das Serras 1”, o elemento moderno invade o espaço rural.

Quebrar das barras...
 Grita o carão por sobre o açude...
 Aeroplanicamente voa o carcará...
 Forde vai lampeiro na barragem...
 Serras carecas engrujadas na peneira da chuva...
 Avança forde – come léguas do diacho
 Lá vem o Sol-Voronoffe dando alegria às velhas árvores
 E envernizando de verde as juremas das serras...
 Sapeca – Forde...
 Quero da serra de Santana
 Olhar pra baixo cheio de mim...
 Tangente dengosa... nem uma variante...
 Aqui foi onde empreiteiros
 Sonharam cortes imaginários
 E ganharam dinheiro como beia...
 – Uma cobra!
 – Passa por cima o pneu...
 –Arriê!...
 – Vamos ver a cobra!

 É uma jararaca dançando a sua última dança
 Em honra ao bicho fera
 Que ela mordeu o couro da borracha e ele não morreu...

Desde os primeiros versos do poema “Aviões 1” percebemos como a imagem do avião é hiperbolicamente construída. As escolhas dos verbos no gerúndio *roncando*, *cevando*, *varando* e das onomatopeias *zum... zum.. umumum...*, *ron... ron...* remetem à ideia de barulho e agitação causada por esse *besouro*. Além de impressionar por seu tamanho e ruído, o avião ainda é atração dos *olhos dos caboclos* pelo fato de trazer Marinheiros de longe, das *Oropas*. Essa curiosidade pelos que vêm de fora evidencia o valor atribuído aos elementos novos incorporados pouco a pouco à nova realidade da província.

Contudo, vemos que a máquina, relacionada à ordem moderna, não é puramente exaltada. Em alguns momentos o processo social moderno é caracterizado por adjetivos como *marmota* e *desembestado*, sugerindo certa desaprovação pelo tom irônico em que esses adjetivos são empregados. Conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), *marmota* significa “aparição de coisa esquisita ou inexplicável; assombração”, e *desembestado*, “que desembestou, desenfreado, desabalado”. No contexto do poema, podemos dizer a máquina como sendo uma representação do mundo moderno surge, ironicamente, na

criação do poeta como imagem de um objeto desarrumado, desordenado. Isso implica dizer que o moderno não salta aos olhos desse sujeito com puro e absoluto encantamento.

O avião também surge, através de uma relação metonímica, nomeado por *besouro* e *Rola-Titica*, figuras simples, comparadas às estabelecidas e pregadas pela modernidade. Nessa direção, temos a imagem do elemento do progresso visto sob os olhos de quem só faz uma adesão parcial ao processo de modernização. Parece que somente a modernidade e a ideia de civilização não bastam, pois, de acordo com Williams (1989), à ideia de vida urbana também se ligam as de barulho, caos, desordem e ambição, cabendo ao sujeito lírico referir-se ao campo e a seu modo de vida simples.

A questão da modernidade invade o espaço rural no “Poema das Serras 1”. Nele, a paisagem sertaneja é retratada por um sujeito que percorre esse ambiente descrevendo-o. No espaço de invasão do moderno, logo se observa como a acrobacia do *carcará* tem como equivalência a do avião (aeroplanicamente voa o *carcará*), num movimento em zigue-zague da máquina transmutada em natureza, e esta personificada naquela:

Quebrar das barras...
Grita o carão por sôbre o açude...
Aeroplânicamente voa o carcará...
Forde vai lampeiro na barragem...
[...]
Quero da serra de Santana
Olhar pra baixo cheio de mim...

Há, além da contemplação da paisagem rural de simplicidade encantadora, a introdução do elemento moderno nesse espaço: o automóvel. O *forde*, como é chamado, incorpora-se ao rural para modificar sua ordem, adentrando nos espaços onde, até pouco antes, só se adentrava de modo rústico. A velocidade com que o automóvel percorre as Serras é manifestada pelo observador que, em tom imperativo, ressalta esse predicativo em *Avança forde – come léguas do diacho* e em *Sapeca – Forde...* Essa observação nos faz recordar a ideia de tempo linearmente progressivo e acelerado da modernidade, pois é como se o poeta também se referisse à incorporação acelerada dessa ordem em seu contexto geográfico e social. Berman (1986, p.15), ao se referir as mudanças e experiências da modernidade, aponta que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete [...] autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

Como se não bastasse adentrar no ambiente campesino, o automóvel, representado pela sua marca, *forde*, desarmoniza a cena de naturalidade desse espaço, interferindo e comprometendo a ordem de seus elementos.

- Uma cobra!
- Passa por cima o pneu...
- Arriê!...
- Vamos ver a cobra!

Dessa imagem, podemos inferir que o automóvel representa a modernidade e suas máquinas, e que a figura da cobra representa o mundo rústico. O encontro desses dois elementos de representação de espaços distintos sugere a tensão entre essas duas formas de vida e, ao mesmo tempo, um convite para se ver de perto os elementos da cultura rústica (ARAÚJO, 1995), que, nos versos de Jorge Fernandes, são apresentados com recorrência. Ainda que se tome a vitória do *forde* sobre a *cobra*, já que o pneu passa por cima dela, podemos inferir também que o poema resulta de uma ambiguidade e de uma tensão próprias dos textos literários da modernidade, no que estes trazem de dissonância entre elementos oriundos de uma tradição regional, da natureza, e da vida social moderna, o *forde* e o *avião*.

Nos versos finais, o aparente triunfo da máquina é reiterado, conforme a imagem e a descrição que podemos ver nos versos:

É uma jararaca dançando a sua última dança
Em honra ao bicho fera
Que ela mordeu o couro da borracha e ele não morreu...

Dessa vez, o elemento que representa a rusticidade não é mais nomeado de um modo genérico, ele é apresentado como *jararaca*, em seu momento de perecimento. No embate entre o mundo moderno e o rústico, a força da máquina, embora com resistência do rústico – a cobra –, que “morde o couro da borracha e ele não morre”, prevalece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas cotejados trazem a presença do signo do campo e da cidade de modo díspar, embora ambos apresentem uma espécie de adesão parcial do poeta ao processo de modernização, ligado, então, ao signo citadino. No poema “Aviões 1”, a cidade e sua

representação é visualizada pela figura do avião, que causa diferentes impressões quando passa. Uns, admiram-no pelo fato de ser um elemento novo, ao passo que a outros olhos, como os do poeta, a sensação não é de admiração nem de exaltação.

Já no “Poema das Serras 1”, a representação se dá pela imagem do automóvel. Enquanto no primeiro poema o avião vai *cevando o vento*, no segundo, é o carcará quem povoa o céu e voa *aeroplanicamente*, enquanto o *forde* desbrava o rural. Aqui, é por meio da máquina que o sujeito observa e contempla a paisagem do campo. Com todas as imagens, ironias e escolhas do poeta, notamos a tensão que há entre o antigo e o novo, o rústico e o moderno, a natureza e o mundo das máquinas, num movimento dissonante em meio a uma dupla resistência, a da cobra que morde o couro da borracha, e a do couro que não sucumbe.

Que ela mordeu o couro da borracha e ele não morreu...

Desse modo, as sistematizações teóricas e as análises dos poemas analisados possibilitaram a compreensão de que há a adesão ora ao signo urbano, ora ao rural. Isso remete à ideia de dialética apresentada por Adorno (1985), que consiste no movimento permanente de contradição, aqui representado pela adesão, quase simultânea, mas de modo diferente, aos dois espaços. A cidade é vista sob os olhos de quem, diante da modernidade, ainda resguarda traços tradicionais e adere parcialmente à nova ordem, embora, nesse momento histórico, a imagem da cidade esteja ligada à modernidade e esta vinculada à ideia de civilização. À imagem do campo liga-se a projeção de virtudes simples e de paz.

Podemos, então, afirmar que a forma como o poeta adere a esses espaços parece contraditória, pois, mesmo observando acontecimentos da vida social moderna, ele não abre mão de valores tradicionais de sua província, revelando uma interferência de registros² entre tradição e modernidade, já que, ao referir-se à experiência urbana, o poeta não a exalta puramente, antes, recorre ao ritmo de vida oposto. Parece que o homem da modernidade também vê contradições na cidade e na nova ordem que prega a razão, o avanço e exaltação da máquina.

²A esse respeito cf. Araújo (1995).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 14.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5.ed. revista. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. Entre Campo e Cidade. In: _____. *Tese e Antítese*. 4 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

_____. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993.

_____. A cultura rústica. In: _____. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 10.ed. São Paulo: Ed. 34, 2003.

FERNANDES, Jorge. *Livro de Poemas e outras poesias*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal : Argos, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *Mímeses e modernidade: formas das sombras*. 2.ed. São Paulo : Paz e terra, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura; tradução Paulo Henriques Britto*. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.